

Panorama da Aqüicultura Nacional

Pesquisador João Donato Scorvo Filho
jdscorvo@sp.gov.br

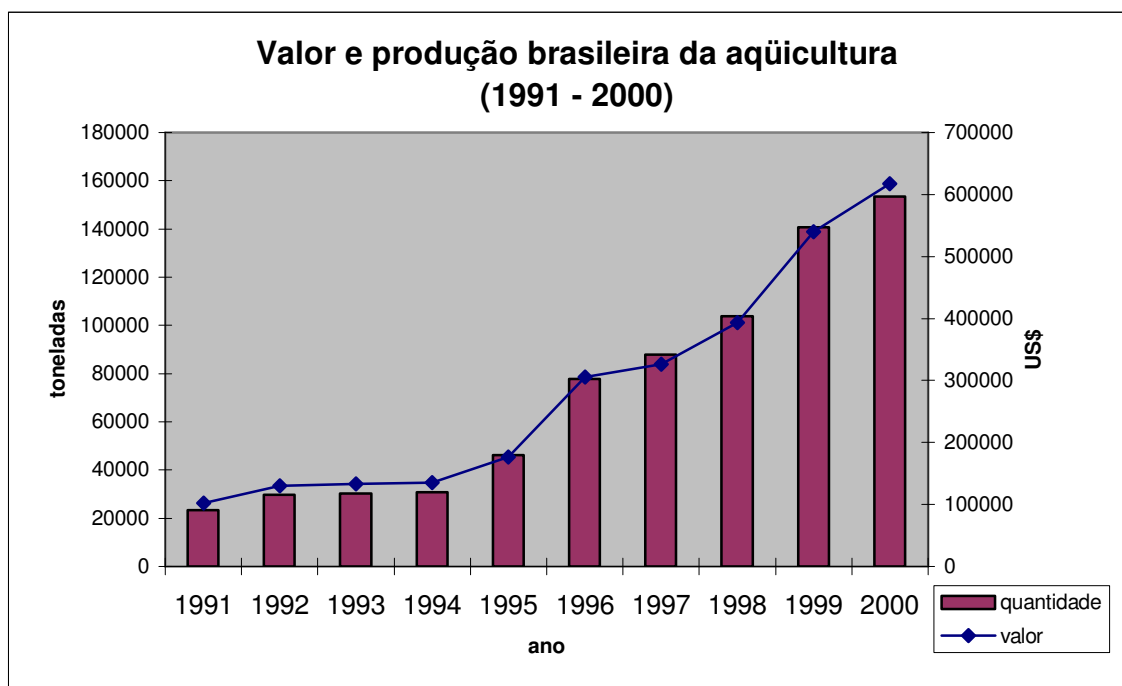
A aqüicultura, em franco desenvolvimento, vem se impondo como atividade pecuária, embora ainda seja considerada por muitos como um apêndice do setor pesqueiro. Praticada em todos os estados brasileiros, a aqüicultura abrange principalmente as seguintes criações: de peixes (piscicultura); camarões (carcinicultura); rãs (ranicultura) e moluscos: ostras e mexilhões (malacocultura). Outros cultivos aquáticos, como o cultivo de algas, são praticados em menor escala.

Dentre todas as criações aqüícolas, a piscicultura de água doce respondeu em 1999 por uma produção de aproximadamente 90.443 toneladas, correspondendo a 78,4% da produção total da aqüicultura, que foi de 115.398 toneladas (dados publicados pelo CNPq em 2000). Segundo dados da FAO (2002 - [http://www.fao.org./](http://www.fao.org/)), a produção brasileira passou de 23.390 toneladas em 1991 para 153.558 toneladas em 2000 (Figura abaixo).

A minha expectativa para 2002 é de uma produção estimada em 200 mil toneladas, com os camarões marinhos contribuindo com 60 mil toneladas (30% do total). Os peixes devem representar cerca de 120 mil toneladas (60% do total), sendo o restante constituído por moluscos, camarões de água doce, peixes marinhos e algas.

A produção de camarão marinho pode ser apontada como fato relevante no cenário nacional, uma vez que, segundo a Associação Brasileira de Criadores de Camarão (ABCC), cresceu 140% de 2000 a 2002.

É esse crescimento da aqüicultura que permite ao Brasil se manter com saldo positivo na balança comercial do pescado.



FONTE: FAO (2002)

Com relação ao preço unitário pago pela produção brasileira, a Figura acima mostra, através do valor e da produção que o mesmo não tem se alterado nos últimos 10 anos, variando de US\$ 4,39/kg (em 1991) a US\$ 4,02/kg (em 2000); 1997 apresentou o menor valor: US\$ 3,72/kg.

Uma característica importante da piscicultura brasileira é o grande número de espécies criadas. Hoje, utilizam-se mais de 30 espécies, com os mais variados hábitos alimentares e ambientes de vida. Vão desde espécies de clima tropical (em sua grande maioria) até espécies de clima temperado e frio. E as que oferecem maior produção, em ordem de importância, são: as tilápias, os peixes redondos (pacu, *Piaractus*; tambaqui, *Colossoma* e seus híbridos) e as carpas (comum e chinesas). Outras espécies, porém, como os grandes bagres brasileiros (pintado, surubim e pirara), o dourado e os *Bricons* (matrinxã, piraicanjuba, piraputanga e piabanha),

começam a despertar o interesse de criadores não apenas pelo seu valor para a pesca esportiva como também pela facilidade de comercialização.

Quanto aos sistemas de criação, na aquicultura existem basicamente três tipos:

1. **Extensivo:** muito utilizado por pequenos produtores em pequenas áreas de espelho de água, onde não se utiliza ração comercial e se alimenta os peixes com subprodutos agrícolas, obtendo-se baixa produtividade. Esse sistema também é empregado em grandes represas, onde se faz o repovoamento com alevinos e se retira o peixe através da pesca tradicional de pequena escala. Neste caso, a produtividade ainda é menor e varia com a capacidade de suporte do corpo d'água.
2. **Semi-intensivo:** é o mais utilizado no Brasil e já aplica alguma tecnologia de criação, como: viveiros-berçários, ração comercial e certo nível de controle da qualidade da água. Neste sistema, a produtividade pode chegar a até 16 toneladas por hectare/ano. A média para a região Sudeste-Sul gira em torno de 8 toneladas por hectare/ano.
3. **Intensivo:** que até poucos anos atrás se restringia apenas às regiões serranas, onde se pratica a truticultura. Atualmente, já é utilizado na criação de peixes tropicais (como o pacu e o piauçu) e de espécies exóticas (como a tilápia). Esse sistema tem como característica principal a utilização: a) em terra - de pequenos tanques com alta densidade de estocagem e alta renovação de água; e b) em lagos, açudes e reservatórios de hidrelétricas - de tanques-rede e gaiolas. Com o sistema intensivo pode-se obter alta produtividade, algumas vezes acima de 30 toneladas por hectare/ano.

Deve-se chamar a atenção para o sistema de criação de tilápias em tanques-rede ou gaiolas, que tem um enorme potencial

no Brasil, pois há a disponibilidade de grandes extensões de lâmina d'água nos reservatórios das usinas hidrelétricas. Essa técnica é empregada em quase todas as regiões do país, podendo-se citar como exemplo de bons resultados o projeto associado à hidrelétrica de Paulo Afonso, na Bahia.

Variedades melhoradas de tilápias são trazidas com certa facilidade do exterior, aumentando o rendimento das pisciculturas e revelando-se como novidades favoráveis aos pescueiros, como é o caso das tilápias-vermelhas, que se tornaram verdadeiras vedetes nos pesque-pague e em alguns restaurantes.

Vários fatores favoreceram o rápido crescimento da aqüicultura no Brasil: condições climáticas favoráveis (pequena variação de temperatura do ar e da água); grande quantidade de coleções hídricas disponíveis; facilidade de adaptação de tecnologias estrangeiras; e de possibilidade de fácil importação de insumos e equipamentos.

Em aqüicultura, como nas demais cadeias produtivas agrícolas, a expansão de um dos elos acarreta o aumento de produtividade em todo o sistema. É o caso do aumento da demanda por ração pelos aqüicultores, que possibilitou o surgimento de novas fábricas, sendo que hoje já existem mais de 30 dessas unidades instaladas no Brasil, com uma ampliação confirmada da produção de ração específica para a aqüicultura. Segundo o Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações), no ano de 2001 foram produzidas 162 mil toneladas de ração para organismos aquáticos, passando para 202,3 mil toneladas em 2002, com uma projeção de 247,5 mil toneladas para 2003. As fábricas não apenas disponibilizam rações próprias para alguns organismos aquáticos sob cultivo, como também para as diversas fases do ciclo produtivo, o que contribui

para um maior rendimento da criação (por melhor conversão cárnea, resistência a moléstias etc.) e a diminuição do custo de produção.

E nesse particular do custo de produção, indubitavelmente, o fator mais importante da composição da planilha de custo na aquicultura, como de resto em todas as criações, é o gasto relacionado à alimentação, razão pela qual o preço do peixe, camarão etc. produzidos é severamente influenciado pelo preço dos insumos utilizados na preparação das rações. Segundo o Sindirações, o Índice Geral para os Custos de Rações (IGCR), que analisa o comportamento dos preços desses insumos, apresentou uma alta de 64,25% entre janeiro e outubro de 2002. As rações para peixes, com 28% de proteína bruta, foram as que acumularam a menor alta, com 45,40% no mesmo período. Na primeira semana de janeiro de 2002, a tonelada da ração para peixe custava R\$ 448,45 e na última semana de outubro R\$ 652,04. Essa variação foi causada pela instabilidade nos preços das matérias-primas, em especial o milho, que estava, e continua, em falta no mercado interno, e, paralelamente, sofrendo grande demanda no mercado internacional.

Em vista disso, a participação do item ração voltou a ser de 40 a 60% na composição do custo de produção na aquicultura, enquanto em 2000 e 2001 esse percentual girava em torno de 30% dos custos operacionais totais. Uma situação assim, além de dificultar a estabilização de um capital de giro pelo produtor, leva as indústrias a trabalharem com margens reduzidas de lucro, o que também as instabiliza, e a buscar fontes alternativas de matéria-prima, perseguindo menores custos.

Apesar de qualquer dificuldade, a aqüicultura é hoje sinônimo de proteína de qualidade para a mesa do brasileiro, de respeito ao meio ambiente e de geração de empregos, merecendo ser amplamente estimulada.